

Lourenza Lopes Moraes

GÊNERO, SEXO: CONSTRUÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Belo Horizonte

Universidade Federal do Estado de Minas Gerais

2011

Lourenza Lopes Moraes

Gênero, Sexo: construção na Educação Física Escolar

Monografia apresentada como critério para a conclusão da Disciplina Seminário de TCC II do curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Estado de Minas Gerais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Kátia Lúcia Moreira Lemos

Belo Horizonte

Universidade Federal do Estado de Minas Gerais

2011

RESUMO

Entendendo gênero como uma construção histórica das relações de poder e, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, elemento constitutivo de relações sociais (Joan Scott, 1995); e tendo a Educação Física Escolar como campo em que mais acentuam-se as diferenças entre homens e mulheres (Kunz, 1993) este estudo busca entender as relações entre Gênero, Sexo e Sexualidade e como elas são construídas na Educação Física escolar através de uma revisão de literatura além de discutir questões que possam ajudar à prática do professor de Educação Física.

Palavras-chave: gênero, sexo, sexualidade, educação física escolar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1 - <i>Gênero x Sexo</i>	8
CAPÍTULO 2 - <i>Educação Física para: meninos e meninas</i>	11
CAPÍTULO 3 - <i>Normativos para Educação Física</i>	21
REFERÊNCIAS	23

INTRODUÇÃO

Durante toda minha trajetória escolar, passada na década de 90, presenciei que certos tipos de práticas eram de meninos e outras eram de meninas, categorizadas por sexo. Especialmente durante as aulas de educação física, monopolizadas pelo esporte, escutei que meninas não jogavam futebol, que meninos não dançavam, que vôlei era esporte de meninas; e que, se esta “regra” fosse quebrada algo muito sério aconteceria e tal fato implicaria em um questionamento sobre a sexualidade e identidade de gênero.

Logo, se uma menina jogasse futebol, com certa regularidade, junto aos meninos, provavelmente, ela seria reconhecida socialmente na escola como uma aspirante a menino e acumularia alguns apelidos e passando por alguns constrangimentos, que hoje poderíamos até nomear de bullying; o mesmo aconteceria aos meninos que se atrevessem a praticar algo “de menina”.

Nunca entendi o porquê ser menino ou ser menina permitiriam ou não a prática de alguma atividade, principalmente nas aulas de educação física. O que diferenciava o futebol do vôlei ou da dança que apenas meninos poderiam jogá-lo, ou ainda, se meninas jogassem tal esporte porque eram vistas com maus olhos, como se elas fossem menos menina por isto.

Além de separar as práticas por sexo nas aulas de educação física, meninas de um lado e meninos do outro, a relação entre estas práticas, habilidades e meninos/meninas era que os meninos seriam os mais habilidosos, aptos, fortes, coordenados; principalmente dentro dos “seus” esportes. Sendo as meninas consideradas frágeis, delicadas... Contudo, se houvesse uma inversão nos referidos adjetivos e os seus respectivos sexo, o/a aluno/a também poderia ser visto/a como menos menino/a por isso, sua identidade de gênero seria questionada.

Outra realidade, que não foi a minha, é a separação total por sexo. Meninas têm aulas com professoras e meninos com professores, separados inclusive espacialmente. Seria para oportunizar a democratização das práticas para ambos os sexos, já que, teoricamente, as meninas poderiam praticar várias atividades sem sofrerem algum questionamento sobre sua identidade de gênero e sua sexualidade os meninos idem?

Durante o curso de licenciatura em educação física me (re)encontrei com tais questões - não que elas não fossem comum ao longo do minha trajetória – porém, agora não somente com um olhar empírico e sim escritas e discutidas em artigos, dissertações e teses. Fazendo-se necessário mais estudos para refletir sobre estas questões e como o professor pode intervir.

OBJETIVO

Este estudo tem como objetivo fazer um levantamento as produções sobre Educação Física Escolar, Gênero e Sexo buscando entender as relações entre eles e qual a importância da Educação Física Escolar na (re)produção de estereótipos e pré conceitos e, qual o papel do professor.

JUSTIFICATIVA

Acreditamos que este estudo em muito contribuirá para a prática do professor, subsidiando seus projetos pedagógicos, seu planejamento e sua atuação diária com os alunos e toda a comunidade escolar.

Entender as relações de gênero e sexo e como elas são construídas na Educação Física Escolas e fazer um levantamento da produção sobre o tema e tentando responder questões, tais como:

Quais são as diferenças entre meninos e meninas?

Como essas diferenças influenciam as práticas nas aulas de educação física?

Há justificativas para práticas específicas e separadas por gênero?

Entretanto, buscando outras respostas pretendemos avançar:

Seria a educação física escolar um (re)produtor da heteronormatividade e, conseqüentemente, da homofobia?

METODOLOGIA

Para este estudo, inicialmente, foram pesquisados trabalhos escritos entre os anos 2000 a 2011. Foram pesquisados trabalhos em livros e publicações disponíveis em sites acadêmicos na internet que apresentassem as palavras-chaves gênero, sexo, educação física e esporte. Durante a pesquisa houve a necessidade de estender o espaço de tempo para 1995 a 2011, já em 1995 começaram os registros sobre o tema.

CAPITULO 1 - *Sexo x Gênero*

Para entendermos as relações de gênero e sexo na Educação Física Escolar é necessário conhecer as definições dos termos, qual a diferença de gênero e sexo e se há diferença. Visto que em muitas das publicações utilizadas neste estudo foi necessário que os autores definissem gênero e sexo, devido à pouca clareza em seus conceitos.

No senso comum, sexo é o termo usado para qualificar a pessoa biologicamente em homem ou mulher. Um exemplo é o ultra som pré natal, onde a mãe, entre outras características físicas, fica sabendo qual é o sexo do seu bebê; e isto por exemplo, via de regra, refletirá nas cores que decorarão o ambiente do bebê e também em suas roupas. Bebês homens usam cores como o azul e verde, e bebês mulheres usam o rosa. Sendo inclusive considerados como matizes de cores, “azul bebê” e “rosa bebê”. Ou seja, normas a partir de uma construção de conceitos e estereótipos do que é feminino e masculino que seriam o gênero.

Mas, o que é o “feminino” e o que é “masculino”?

Como afirma Scott (1995) gênero é uma categoria relacional, já que considera o outro sexo baseando na presença e na ausência, oposição binária. Logo, não há masculino sem o feminino e não há feminino sem masculino.

Joan Scott, historiadora norte americana estudiosa das lutas feministas da França, em seu artigo “Gênero: uma categoria análise para análise histórica”, de 1995, afirma que a definição de gênero é a conexão integral entre dois aspectos que são: (1) gênero é construído sobre a base da percepção da diferença sexual e (2) gênero é uma forma primária de dar sentido às relações de poder (SCOTT, 1995).

Scott contextualiza gênero político-historicamente. Afirma que o início do uso do termo foi nas lutas feministas e de classe. Sendo depois o termo usado para se referir à mulher, tornou-se sinônimo de mulher.

Seria gênero, no campo das pesquisas, uma terminologia neutra a procura da legitimação acadêmica dos estudos feministas, voltado para as ciências sociais e não somente o aspecto político da sua origem e, gênero é construído a partir de comportamentos estabelecidos para cada sexo ao longo da história.

“[...] o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres.”

Destaca-se ainda, que gênero é um termo socialmente construído em corpos sexuais, homem e mulher, e usado também para diferenciar a prática sexual do papel social de homens e mulheres.

O termo é usado para diferenciar os papéis sociais entre homens e mulheres a partir de uma construção social e histórica. Sendo assim, mutável ao longo do tempo e variando de acordo com a cultura que o homem e a mulher estão inseridos.

Neste sentido Sousa, Altmann (1998) citam Guacira Louro:

“Entendendo gênero fundamentalmente como uma construção social – e, portanto, histórica –, teríamos de supor que esse conceito é plural, ou seja, haveria conceitos de feminino e de masculino, social e historicamente diversos. A idéia de pluralidade implicaria admitir não apenas que sociedades diferentes teriam diferentes concepções de homem e de mulher, como também que no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião, a raça, a idade, etc.; além disso, implicaria admitir que os conceitos de masculino e feminino se transformam ao longo do tempo. (1996, p. 10).

Entendemos, então, gênero como categoria relacional e um conceito plural de construção social, cultural e histórica a partir de corpos sexuados.

Vamos a seguir expor o conceito de sexo. Como já dissemos, o termo sexo define diferenças biológicas visíveis ou não. O termo sexo também é relacionado à reprodução.

Segundo o dicionário Aurélio é a conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e nos vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas.

O Aurélio ainda traz verbetes muito usados que fazem referências às características sociais de homens e mulheres como, “o sexo forte” referindo aos homens e “o sexo frágil” sobre as mulheres.

O termo sexo não é tão discutido quanto o gênero tendo como entendimento a essência física e biológica.

CAPITULO 2 - Educação Física para: meninos e meninas

Não é difícil pensarmos em uma aula de EFE separada por sexo – e não gênero, este, como já foi dito, é construído a partir de relações sociais e das diferenças e semelhanças entre os sexos (Scott; apud Sousa, 1997) podendo então se transformar ao longo do tempo (Louro; apud Sousa, Altmann, 1998) – e conteúdos diferentes para meninos e meninas, professora para meninas e professor para meninos, gestos fortes de menino e gestos delicados de meninas, pré conceitos com o “fora do padrão”, meninas ou meninos que fogem a este estereótipo. Enfim, estas observações, que justificaram este estudo, são comuns à várias pessoas ao longo da trajetória escolar.

Visto os conceitos de sexo e gênero e o momento histórico deste, vamos fazer uma breve linha do tempo na Educação Física Escolar, à luz das relações de gênero, segundo Eustáquia Salvadora de Sousa em seu artigo “História do ensino da educação física em Belo Horizonte: um estudo de gênero”.

Na década de 20, inspirada pelo modelo liberal de educação, Escola Nova, foi oficializada a escola mista. O programa de EF previa ginástica rítmica exclusivamente para meninas e evoluções militares e exercícios de braços para meninos. Estando bem claros os simbolismos em tais práticas, as meninas graciosas e frágeis e os meninos fortes, viris.

Após este período veio o “esporte moderno”, onde o sexo feminino mantinha a mesma imagem anterior. Agora, por meio dos valores esportivos meninas faziam esforços moderados, suaves e corpos distantes, ao contrário os meninos faziam movimentos violentos, esforço e de confronto corpo a corpo; vôlei junto com a ginástica rítmica e futebol e judô respectivamente representados.

Sousa ainda destaca que separada por sexo também era a formação dos professores. Até os anos 50 as mulheres se preparavam para serem professoras de outras e crianças e os homens, em intuições militares, para ensinarem meninos.

Participação da Educação Física Escolar nas relações de gênero

“... Há algo em comum nesses relatos: o esporte é um meio de os meninos exercerem domínio de espaço na escola. Percebe-se ainda que as meninas resistissem à

dominação masculina por meio de outras atividades que não as esportivas, como jogos musicados, pular corda. Assim, elas conquistavam espaço na quadra ou no pátio recorrendo a outras atividades e não jogando futebol, o que se explica pelo fato de o esporte – e mais especificamente o futebol – ser um espaço masculino na escola.” (Altmann, 1998, p.36)

Este trecho é exemplar para ilustrar a continuação da nossa discussão. Seria a Educação Física Escolar um (re)produtor de estereótipos, de dominação masculina, submissão feminina e pré conceitos?

Altmann afirma, o que também poderíamos perceber por observação tanto nas escolas como no alto rendimento, que as atividades esportivas, quase todas, são masculinas e que atividades com música, corda e outras são tidas como femininas.

Mas o que caracteriza estes estereótipos de práticas masculinas e práticas femininas?

Não é possível falar em relações de gênero e sexismo no esporte (entendemos também a Educação Física Escolar) sem falar do corpo.

Segundo Daolio (1995), apud Altmann, 1998, p. 76, as especificidades culturais de cada sociedade definem e colocam em prática uma construção cultural do corpo, sendo a construção cultural do corpo feminino diferente da do masculino.

Como já vimos, gênero é uma representação das diferenças dos sexos a partir de uma construção histórica, cultural e social. Diferenças que começam com o corpo, o corpo sexuado, binário.

Poderíamos somente com imagens definir um corpo feminino e masculino para cada época histórica, definindo quais eram as relações sociais e os papéis de cada sexo.

O indivíduo assimila normas e costumes sociais adquirindo um conteúdo cultural no corpo (Daolio, 1995). O corpo conta a história.

A partir das relações históricas de poder o homem sempre foi visto como dotado de capacidades físicas, força, disposição para o trabalho, coragem, liderança e

racionalidade. A mulher é o oposto, idéia da complementação, sendo sensível, sem força física, delicadeza e submissão.

Todos estes adjetivos são expostos pelo corpo e no corpo em estereótipo de feminino e de masculino; além de, reforçados ao longo do tempo pela sociedade que é patriarcal e heteronormativa.

Nas aulas de EF é comum percebermos a preferência de meninos para os esportes, eles estão sempre dispostos a jogar, competir, suar, brigar pela bola, ter confronto corpo a corpo. Se o esporte for o futebol então é festa. Assim como, também é comum ver as meninas preocupadas se o cabelo ficará despenteado após a aula de educação física, com as unhas sujas, em suar ou em se machucarem, entre outras preocupações.

Podemos relacionar as características, mencionadas acima, dos estereótipos dos sexos, ou gênero, com o que percebemos sobre preferências dos alunos e alunas nas aulas de educação física. Como afirmam Silva, Gomes e Queiros (2006) o desporto está inserido na sociedade sendo, assim, “o corpo do e no desporto deve ser visto em si mesmo e nos modos como é incorporado na construção do gênero”. Os corpos sujeitos do esporte são sujeitos da cultura da história, da sociedade. O desporto centraliza-se na relação com o corpo, nas respostas do corpo às solicitações esportivas.

Normalmente, os meninos se identificam e procuram praticar esportes e atividades com características, que conhecemos como, masculinas, que expressem e valorizem o mais forte, o mais competitivo, o mais valente e o líder. Sendo, um espaço de afirmação do seu sexo, da sua sexualidade masculina. O mesmo é para meninas, frágeis e submissas, com práticas sem esforço, sem contato corporal ou com movimentos graciosos, “tudo muito feminino”.

no desporto, como em outras dimensões culturais, o masculino e o feminino assumem valores distintos. A predominância do masculino no mundo do desporto tem raízes históricas, culturais e políticas. No desporto o conhecimento alicerçado em relações de poder não é neutro, a quase totalidade desse conhecimento é construído, validado e representado por homens (Scruton,

1997) e, embora cada vez mais homens e mulheres tenham a oportunidade de participar nas mais diversificadas actividades desportivas, muitas destas ainda continuam a padecer de um vínculo social e cultural ao género.

Porém, há os meninos que não procuram – entende-se fazer com vontade e interesse as actividades propostas para a aula de educação física – as práticas masculinas e, meninas que, também, não procuram as práticas de meninas, femininas. Estes indivíduos são vistos como fora do padrão, como um(a) menino(menina) um(a) homem(mulher), pode fazer um esporte ou atividade que é típico das(dos) mulheres(homens)? O quê vão pensar dele(a)?

O corpo feminino parece não poder ser forte, não poder exercer uma masculinidade, se isso acontece a mulher, menina, tem sua feminilidade e heterossexualidade questionadas, como se fosse uma regra ser heterossexual. Questionamentos que, obviamente, também acontecem aos meninos. "Mostrar ou exercer a sua força, entregar-se a um combate, dar ou levar golpes e assumir riscos corporais são atributos que as mulheres parecem não poder fazer seus e que, portanto, pertenceriam, em exclusivo, à masculinidade" (Louveau, 2000 apud Silva, Gomes e Queiros. 2006).

O individuo tem a sua prática esportiva e corporal presa ao seu sexo. São exemplos clássicos o futebol e a dança. O futebol é uma prática corporal e social alicerçada na masculinidade e a dança uma prática do feminino

A predominância do masculino no mundo do desporto tem raízes históricas, sociais e culturais. No desporto o conhecimento está construído em relações de poder, não é neutro. A quase totalidade desse conhecimento é validado e representado por homens (Scraton, 1997), como citam Silva, Gomes e Queiros (2006).

Mas, meninas também querem e jogam futebol, não para ter assunto para paquerar meninos ou para definir o corpo, e sim pelo prazer de jogar futebol. Meninos também querem dançar; não a dança heteronormativa que exerce papel de cortejo entre sexos, de conquista, e sim a dança pela dança pelo prazer de dançar.

Nas aulas de educação física vemos essas situações, meninos e meninas que querem jogar futebol e meninas e meninos que querem dançar. Normalmente estes intrusos de

gênero são excluídas das práticas, ou nas práticas ou ainda do sexo. Excluídos das práticas por nem participarem delas porque o professor separou o outro sexo não quer. Excluídos na prática por, até, jogarem, mas não terem o mesmo valor que o sexo dominante. Por fim, excluídas do sexo onde outros representantes do sexo do indivíduo intruso excluem-no por não reconhecer nele um representante social do sexo, vem como o outro gênero.

Como explicam Silva, Gomes e Queiros (2006) as mulheres sempre foram excluídas dos símbolos, práticas e instituições do desporto, ou, quando aí participavam, o que faziam não era considerado como verdadeiro desporto, ou em alguns casos elas não eram vistas como verdadeiras mulheres, ou seja, elas teriam que provar sempre a sua heterossexualidade (Lenskyj, 1986; apud Silva, Gomes e Queiros, 2006).

[...] Por outro lado, se a mulher escolhe praticar um desporto visto como masculino, arrisca-se a que a sua feminilidade seja colocada em causa e a sua sexualidade questionada (Kirk, 2003), sendo frequentemente designada de lésbica (Bryson, 1990).

Segundo Silva, Gomes e Queiros (2006) o mundo desportivo há dominância, desigualdades e injustiças do masculino sobre o feminino. As desigualdades e injustiças entre mulheres e homens que os desportos demonstram, que estão também presentes, com maior ou menor extensão, a sociedade em geral. O desporto contribui activamente para a construção do género noutras esferas da vida da pessoa (Kirk apud, Silva, Gomes e Queiros. 2006).

Parece que os professores de educação física reafirmam, produzem e reproduzem esses estereótipos de sexo e gênero e esporte. Principalmente através de uma legitimidade biológica, onde é afirmado que os homens são biologicamente mais fortes e mais habilidosos tendo maior facilidade com algumas práticas e as mulheres por serem frágeis, delicadas e sensíveis teriam afinidade com outras práticas.

É comum vermos professores que separam suas práticas por sexo, atividades de meninos(as) para meninos(as), separam o sexo, futebol de meninas com meninas, e fazem uso de estratégias controversas para promover a “mistura de sexos” nas aulas, com em um jogo de futebol colocar como regra somente as meninas para fazer gols, ou

como diz Louro (1995) “ajustar o jogo à debilidade feminina”, as meninas como incapazes de criar situações de gol; ou ainda, segundo Altmann (1998) esses recursos desconsideram a articulação do gênero.

Há outro fato, os sujeitos que realmente se identificam com o gênero diferente do esperado. Meninas que se identificam com o masculino e meninos que se identificam com o feminino, identidade de gênero. Disto teremos ainda relações de sexualidade, meninas e meninos homossexuais e a relação com a identidade de gênero.

A escola pré supõe sujeitos heterossexuais e os professores também, fazendo de um fato natural um palco para a reprodução de preconceitos e julgamentos de valores.

“[...] Ora, se a identidade heterossexual fosse, efetivamente, natural (e, em contrapartida, a identidade homossexual fosse ilegítima, artificial, não natural), por que haveria necessidade de tanto empenho para garanti-la? Por que ‘vigiar’ para que os alunos e alunas não ‘resvalem’ para uma identidade ‘desviante’? Por outro lado, se admitimos que todas as formas de sexualidade são construídas, que todas são legítimas mas também frágeis, talvez possamos compreender melhor o fato de que diferentes sujeitos, homens e mulheres vivam de vários modos seus prazeres e desejos” (Louro, apud Altmann 1998).

Há uma linha de estudo sobre estas que relações que afirma não haver sexismo nas aulas de educação física, e sim uma falta de habilidade dos sexos intrusos nas práticas. Por exemplo, a menina jogar futebol é ruim não porque ela é menina, é porque ela não sabe jogar.

Viana, Moura e Mourão, na pesquisa “Gênero e Educação Física: uma análise das evidências empíricas sobre a discriminação e sexismo (2008)”, afirmam que, a partir do estudo de 14 teses e dissertações “que utilizou o referencial teórico de gênero que para analisar as tensões na EFE”, a principal causa de separação entre os sexos nas aulas de educação física é que a habilidade determina a participação de meninos e meninas, desta forma não vem gênero como forma de exclusão.

Logo, para Viana, Moura e Mourão (2008) as meninas que sabiam jogar os esportes e queriam participar eram aceitas no jogo com os meninos, homens e mulheres tem diferenças naturais e não culturais.

E, por fim:

[...] Todos os trabalhos analisados partem da opinião que existe discriminação e sexismo e o esporte é o seu principal instrumento de reforço. Apenas tentam confirmar essa opinião empiricamente. As argumentações no geral possuem afirmações fortes com evidências frágeis. Queremos afirmar que não encontramos argumentos que sustentem o gênero como categoria de exclusão ou inclusão das meninas nas atividades, pois sobram relatos que foi a disponibilidade ou o aprendizado da técnica dos esportes que definiram a condição das meninas.

CAPÍTULO 3 – *Normativos da Educação Física*

Como vimos, os professores enfrentam várias dificuldades nas relações de gênero e sexo presentes no ambiente escolar, principalmente nas aulas de educação física que tem o corpo e suas relações como objeto de estudo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais seriam um referencial para ajudar e garantir a organização de temas diversos:

“(…) os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para educação no Ensino Fundamental em todo país, onde o conjunto das proposições aqui expressas responde à necessidade de referenciais a partir dos quais o sistema educacional do país se organize, a fim de garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania” (Brasil, 1998).

Nos PCNs os programas de orientação sexual são organizados em torno de três eixos norteadores: “Corpo: matriz da sexualidade”, “Relações de gênero” e “Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS” (Brasil, 1998). Sendo a orientação sexual é entendida como sendo de caráter informativo.

“Nessa exploração do próprio corpo e do corpo dos outros e a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou menina. Preocupa-se então mais intensamente com as diferenças entre os sexos, não só as anatômicas, mas todas as expressões que caracterizam homem e mulher. A construção do que é pertencer a um outro sexo se dá pelo

tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade, e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino. Esses padrões são oriundos das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças biológicas dos sexos, e transmitidas através da educação, o que atualmente recebe a denominação de “relações de gênero. Essas representações internalizadas são referências fundamentais para a constituição da identidade da criança.” (Brasil, 1998).

A sexualidade é vista biologicamente, atrelada às funções hormonais, experimentação erótica, à curiosidade e ao desejo e como sendo importante na vida do ser humano, ainda que das diversas formas.

A potencialidade erótica do corpo a partir da puberdade é concebida como centrada na região genital enquanto que, à infância, só é admitido um caráter exploratório pré-genital. Os conteúdos devem favorecer a compreensão de que o ato sexual, bem como as carícias genitais, só tem pertinência quando manifestados entre jovens e adultos. (Altmann, 2001).

Um dos principais objetivos apontados pelos PCNs da “Orientação Sexual” nas escolas é fomentar atitudes de autocuidado, preparando para viver sua sexualidade, sujeitos que incorporem a mentalidade preventiva.

A Educação Física aparece como um espaço privilegiado para isso, ou por seus conteúdos e “dinâmica de aula” ou pela relação entre professores e alunos.

“[...] a formação de hábitos de autocuidado e de construção de relações interpessoais colaboram para que a

dimensão da sexualidade seja integrada de maneira prazerosa e segura.” (BRASIL, 1998)

Sobre gênero os PCNs falam sobre conviver mais meninos e meninas. Consideram que meninos tem mais oportunidades motoras e fala de compreensão e tolerância para não discriminação e reprodução de estereótipos. Propondo trabalhos nestes sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns autores defendem que diferenças anatômicas e motoras seriam os motivadores para qualquer tipo de sexismo. Outros afirmam ser a construção histórica e social do feminino e masculino, mesmo para justificar a falta de habilidade das meninas. O que tem mais coerência, já que o corpo é a síntese da cultura, assimilando normas, valores e costumes (Daolio, 1995) e, a habilidade, controle motor são treináveis.

Há entre meninos e meninas diferenças. Há sim diferenças biológicas e anatômicas. Mas, há diferenças sociais, culturais e políticas construídas historicamente. Onde é esperando um comportamento forte (masculino) para meninos e frágil (feminino) para meninas. E, isso alterado nestes sujeitos, quando saem do seu padrão de feminino e masculino de representação e expressão corporal logo são questionados sobre sua sexualidade, duvidando de sua, impostamente, pressuposta heterossexualidade.

Sendo a diferença social e histórica entre sujeitos mais marcante e significativa do que a visível, ou não, diferença anatômica. A relação de poder e dominância masculina sobre o feminino é mais opressora do que qualquer justificativa biológica que faz do homem “legitimamente” mais forte e apto para certas práticas, de dominação e conquista.

As aulas de Educação Física podem ser um grande (re)produtor de pré conceitos e estereótipos. Onde sujeitos que saem do padrão corporal do seu sexo tem que provar que são heterossexuais, isso porque ainda vivemos em uma sociedade heteronormativa – o homem heterossexual e branco.

Assim, não há justificativas para separar aulas educação física por sexo e/ou gênero. A não ser se houver uma intencionalidade, um objetivo. A construção dos gêneros e sexualidade se dá no convívio. Não há justificativa para atividades falsas de inclusão e socialização de sexos e gêneros, já só reforçariam os estereótipos.

Logo, a Educação Física pode ser um espaço de frustração para meninas que gostam de “coisas de meninos” e vice-versa. Além, de fortalecer pré conceitos e estereótipos de habilidade, sexualidade e identidade de gênero, muitas vez, afastando sujeitos das práticas corporais e dificultando a sua descoberta enquanto sujeito.

Os PCNs e Temas Transversais, mesmo com críticas ao tom higienista e heteronormativo, é uma referência inicial importante, um começo para orientar os

professores e a elaboração de um currículo que reflita sobre as questões de gênero e sexo.

Há um grande destaque para as diferenças entre meninos e meninas nos PCNs. Diferenças que são consideradas como sendo social e culturalmente construídas, mas, elas são discutidas. Não há destaque para a existência de diferenças entre meninas e entre meninos, mas sim uma oposição entre os gêneros. (Altmann 2001).

É preciso que o professor não simplesmente (re)produzir a cultura heteronormativa sem refletir o que isso significa em falta de oportunidade – de todo tipo - para muitos.

É preciso que o professor discuta sobre os estereótipos esportivos, sobre corpos e quais valores e relações sociais e históricas ele carregam.

É preciso que o professor entenda o que são: sexo, gênero, identidade de gênero e sexualidade, principalmente a partir da ótica que somos iguais em deveres e direitos.

O estudo sobre relações de gênero e sexo na Educação Física ainda é pouco e controverso sobre construção social e habilidade para o sexismo nas aulas. Os estudos são realizados por poucas pessoas. Porém, cada vez mais, autoras como Guacira Louro, Eustáquia Salvadora Souza, Helena Altmann, Paula Botelho Gomes, Paula Queiros, Paula Silva e Silvana Goellner tem feitos discussões mais amplas sobre gênero e sexo na Educação Física e as questões que se relacionam, como o estereótipos e padrões estéticos para o sexo, sexualidade, identidade de gênero; propondo discussões sobre mudanças e o papel do professor e da escola na formação dessa cultura corporal.

Como afirma Goellner, não é o corpo em si que define a modalidade esportiva própria para cada sexo. Os corpos e os comportamentos são plurais. O esporte generifica os corpos, o esporte tem hoje uma visibilidade enorme o corpo esportista e saudável, bonito, coberto de grandes marcas comerciais; corpos educados e moldados para o estereótipo de feminino e masculino.

E, não há lugar melhor para discutir sobre gênero e sexo do que as aulas de educação física por professores de educação física. Falar sobre as expressões do corpo em todas as formas é papel da educação física, não somente o corpo biológico, mas, principalmente o corpo social histórico.

REFERÊNCIAS

- **ALTMANN**, Helena (1998). “Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física”. dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte, UFMG.
- **ALTMANN**, Helena (2001). Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais
- **BRAGA**, Andréa Vieira (2006). Identidade sexual e cultura escolar: uma crítica à versão de sexualidade contida nos PCN
- **BRASIL**. Ministério da Educação e do Desporto (1995): Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental: documento introdutório.
- — (1996): Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental: documento temas transversais.
- **CALDEIRA**, Anna Maria Salgueiro (199).
- **DAOLIO**, Jocimar (1995). Da cultura do corpo. Campinas: Papyrus.
- **GOELLNER, Silvana** (2007) Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico.
- **LOURO**, Guacira Lopes (2003). Gênero, Sexualidade e Educação.
- **SCOTT**, Joan (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica.
- **SILVA**, P.; **GOMES**, P. B.;**QUEIRÓS** P. (2006). Gênero e desporto: a construção de feminilidade e masculinidades.
- **SOUSA**, E. S.; **ALTMANN**, H. (1999). Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar.
- **SOUSA**, Eustáquia Salvadora de (1994). Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Campinas, UNICAMP.
- **NUNES**, Taise M.; **SARAIVA**, Maria do C. (2010). A identidade de gênero (feminilidades e masculinidades) na mídia e nas práticas corporais: produção científica em revistas da educação física brasileira de 2000 a 2008.
- **VIANA**, Alexandre; **MOURA**, Diego; **MOURÃO**, Ludmila (2009) Gênero e Educação Física: uma análise das evidências empíricas sobre a discriminação e sexismo (2008).